



A LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS INFERÊNCIAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Ednalva Fiuza de Santana do Nascimento ¹

Jeane Nascimento Santos ²

Édiva de Sousa Martins ³

RESUMO

Este texto trata da linguagem na Educação de Jovens e Adultos e suas inferências na perspectiva da Teoria Histórico Cultural à luz do pensamento de Lev Vygotsky (1996) e colaboradores, destacando a importância de processos de linguagem nas práticas de escolarização voltados para a EJA. Discute-se como o pensamento e a linguagem atuam de forma multifuncional, dando sentido ao pensamento individual e social, e para tanto, optou-se pela metodologia do hipotético-dedutivo que contribuiu para que a pesquisa básica se desenvolva. Nessa perspectiva, o método busca as inferências entre práticas e o processo histórico-cultural no que tange a linguagem. O estudo mostra que a linguagem é constitutiva nas práticas da EJA, sendo importante o trabalho do professor enquanto mediador, capaz de propiciar múltiplos aprendizados aos jovens e adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, linguagem, histórico-cultural, pensamento.

INTRODUÇÃO

Este texto trata da linguagem na Educação de Jovens e Adultos e suas inferências na perspectiva histórico-cultural à luz do pensamento de Lev Vygotsky e colaboradores, cujo tema tem restrito número de publicações na área acadêmica, o que legitima o texto. Atrelar a linguagem aos estudos da EJA nas práticas de escolarização tem sido uma demanda para quem atua na área.

A Educação de Jovens e Adultos e a Teoria Histórico-Cultural, tem uma estreita relação entre si, por considerar as relações dos sujeitos entre ser biológico e social participante de um processo histórico e social.

As contribuições da Teoria Histórico-Cultural à EJA, perpassa por concepções ou entradas para o desenvolvimento tais como: filogênese que é a fase onde realizamos tarefas em

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)- BA, autorprincipal@email.com; fnalvafiuza@gmail.com;

² Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), coautor1.jeaneeducacaocampo@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Educação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, esmartins@uneb.br;

suas etapas humanas como: andar, pegar coisas, ouvir; ontogênese é a entrada para etapa das vidas das pessoas como: nascer, crescer, reproduzir e sociogênese que é a entrada onde as pessoas em processos de interação aprendem. Essas três entradas abrem espaços para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem resultando em práticas no meio sociocultural e a cultura é determinante nesse processo.

METODOLOGIA

No texto discute-se como o pensamento e a linguagem atuam de forma multifuncional, dando sentido ao pensamento individual e social, e para tanto, optou-se pela metodologia do hipotético-dedutivo que contribuiu para que a pesquisa básica se desenvolva. Nessa perspectiva, o método busca as inferências entre práticas e o processo histórico-cultural no que tange a linguagem.

A pesquisa estruturou-se no campo bibliográfico, optou-se por uma pesquisa básica inicialmente fundada em uma pesquisa bibliográfica à luz de autores que abordam sobre o tema, por ter esse tipo de pesquisa um procedimento exclusivamente teórico a partir do levantamento de referências já publicadas por meio de escritos como livros e artigos científicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O DESENVOLVIMENTO NUMA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

A Educação de Jovens e Adultos é uma resposta as demandas por escolarização colocadas pelos sujeitos sociais, demandas que são frutos de um longo período histórico de exclusão dos trabalhadores do acesso a educação escolar. Não se pode negar a importância da educação escolar como espaço privilegiado aos conhecimentos produzidos socialmente pela humanidade. A EJA tem como desafio instrumentalizar os trabalhadores para que eles possam estabelecer ligações entre o saber científico e sua relação com a luta de classes.

A sociedade capitalista dificulta o desenvolvimento dos sujeitos por de camuflagens que cada vez mais tem se imposto aos grupos invisibilizados. A organização social no capitalismo que segundo Vigotsky (2004) *apud* Leal e Mascagna (2020, p. 223) “tem conduzido para uma degradação mais profunda da personalidade humana e de seu potencial de crescimento em lugar de elevar a humanidade a um nível mais alto”. Nesta sociedade entendida por Leal e Mascagna (2020), apresenta a contradição entre o desenvolvimento das forças de produção e a ordem social que somente podem ser resolvidas pela revolução contra o sistema capitalista. Revolução esta, denominada socialista que apresenta mudança para uma nova ordem social, como as transformações nas relações sociais. Esta ideia nos remete a uma reflexão sobre o papel da EJA no sentido de mudar vidas e contextos, daí a ideia de uma não atenção especial aos programas de alfabetização do país.

Considera-se que a partir do pensamento de Arroyo (2017) compreender a a EJA como um campo político de formação e investigação comprometida com a educação das classes populares, traz a ideia de superação das diferentes formas de exclusão e discriminação existentes em nossa sociedade. Torna-se necessário a tomada de consciência de que os sujeitos da EJA são privados dos bens simbólicos e linguísticos, e que os processos de escolarização devem garantir uma cidadania mais plena e justa. Nesse viés, os conceitos de Lev Vygotsky (1996) contribuem para pensar a aprendizagem humana inserida em processos histórico-culturais onde a linguagem exerce seu papel crítico e uma aprendizagem assistida.

O histórico significa os meios e os instrumentos elaborados na história social de cada sujeito e o cultural significa que a sociedade se organiza a partir do seu nível de desenvolvimento, suas tarefas e confrontos. Partindo dos mecanismos de mediação à luz de Vygotsky percebe-se influências culturais e linguagem em processos sociais.

Na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural que aqui tratamos, cada período que compõe o processo de desenvolvimento do indivíduo é caracterizado por uma atividade que desempenha e está vem carregada de marcadores sociais, tais como a classe social, a etnia e a escolarização. A atividade é a principal forma de relacionamento do sujeito e do seu contexto social, sendo as mudanças mais importantes referentes aos processos psíquicos do indivíduo e às particularidades fundamentais de sua personalidade (ABRANTES E BULHÕES, 2020). Assim, tal atividade, constitui como decisiva em meio as outras tantas atividades sociais que desenvolvem a experiência na área de linguagem.

Destaca-se no processo histórico de desenvolvimento de grupos distintos a criação da escrita, ou seja, o registro da fala por meio de signos visuais. Vygotsky (1996) *apud* Saviani

(2020) diz que o signo por excelência, signo dos signos, é a linguagem, ou seja, a linguagem é expressa por meio de sinais sonoros com os processos de internalização que envolve uma atividade, daí a necessidade do fator da mediação que se caracteriza nos processos de relações sociais, haja vista que expressa entre sujeitos e o mundo.

Almeida *et al* (2007, p. 104) afirmam que a mediação é uma peculiaridade exclusiva do ser humano, compreendido como ser social, pois somente o homem pode estabelecer relações nas mediações da natureza e os outros seres humanos. O entendimento de mediação e o processo educativo é constitutivo de mediações, dessa forma, não pode haver educação sem que haja mediação.

Nesse contexto, pensar as relações entre os professores e os alunos da EJA que não devem haver hierarquia, nem advindas da dominação, por outro lado, nem de subordinação. Almeida *et al* (2007, p. 109) diz que as relações devem ter por base o esforço de mediação, que não é nem automática, nem espontânea, mas teleológica.

A psicologia e a pedagogia histórico cultural comungam dos pressupostos do materialismo histórico dialético, compreendendo o homem como um produto de seus próprios atos que se desenvolvem ao longo da história. Ambas consideram a prática social como ponto de partida e a prática educativa ponto de chegada. O conceito de prática social ancora-se no conceito de trabalho do marxismo que é uma categoria fundante e que diferencia os seres humanos dos demais seres.

A ESCOLA E A ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Saviani (2010, p. 11) pontua: “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. A compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana”. Para o autor o trabalho é uma categoria fundante que vai diferenciar os seres humanos dos demais seres, porém, o trabalho não é qualquer atividade, mas uma ação adequada a finalidades e, é assim, uma ação intencional. Então, dizer que educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, significa afirmar que ela é simultaneamente uma exigência do e para o processo de vida.

Tratar da natureza da educação significa tratar da relação homem e trabalho. Sobre a questão específica do Homem, Marsiglia afirma:



O homem como espécie é um ser natural, isto é, é um ser composto biologicamente, mas que não está acabado, pois sua constituição depende das suas relações sociais. A diferença entre espécie humana e as outras espécies animais dá-se em decorrência do trabalho. Enquanto as outras espécies se adaptam à realidade satisfazendo suas necessidades, o homem modifica a realidade pelo trabalho, transformando-a para atender suas necessidades que se vão complexificando na medida do desenvolvimento de sua realidade. (MARSIGLIA, 2011, p. 8)

A escola é uma instituição social, o espaço de aprendizagem e de formação dos seres humanos. Seu papel consiste na socialização do saber sistematizado, não se trata de qualquer saber. Dessa forma, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo, ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado, a cultura erudita e não a cultura popular. É exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte dessa sociedade que torna necessária a existência da escola. Ela existe, pois segundo Saviani (2010):

{...} para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamamos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia) (SAVIANI, 2010, p. 14.)

Por isso, a escola de jovens e adultos precisa garantir aos alunos o acesso ao conhecimento produzido ao longo da história. De acordo com Marsiglia (2011, p. 8) a escola pode contribuir na transformação da sociedade ou pode ajudar na reprodução e fortalecimento da sociedade capitalista, pois nesta, a educação tem duas funções primordiais: a qualificação da mão de obra e a formação para o controle político. Nesse ínterim, a sociedade capitalista tem colocado a escola como mecanismo que adapta os indivíduos à sociedade na qual estão inseridos.

A escola, ao mesmo tempo em que reproduz esses valores, oportuniza a criação de outros, a depender de como seja o trabalho educativo. De acordo com Santos (2011, p. 28) o cotidiano pode ser tomado como ponto de partida no andamento do trabalho educacional, o que não pode ocorrer é que este se limite a essa dimensão. Nas escolas o conhecimento e os saberes do cotidiano são tomados, como conteúdos com significado para os alunos. Uma formação

humana emancipatória exige a superação dos níveis de compreensão dos fenômenos dos âmbitos do cotidiano para o grau das esferas não-cotidianas.

De acordo com Mézzaros (2002, p. 65) “a universalização da educação precisa acontecer concomitantemente com a universalização do trabalho para que a atividade seja autorrealizadora”. A mudança educacional e social que tem ocorrido em nossa sociedade tem servido apenas para corrigir algum detalhe da ordem estabelecida pela sociedade capitalista, de maneira que as determinações estruturais da sociedade são mantidas intactas, em conformidade ao sistema capitalista. Uma das características deste sistema é amenizar os conflitos para que a regra geral da reprodução da sociedade não seja alterada

Nesse ínterim, precisamos conceber a escola a partir do desenvolvimento histórico da sociedade, pois, se assim compreendida, será possível sua articulação para a superação da sociedade capitalista vigente, e assim, seguir em direção a uma sociedade socialista. Desta forma, a concepção política socialista orienta a concepção da pedagogia histórico-crítica (ambas têm seus fundamentos históricos no mesmo conceito geral de realidade).

Segundo Taffarel (2011), a função social da escola é elevar a capacidade teórica dos educandos, perpassando pelo desenvolvimento da capacidade científica, ou seja, a valorização do estudante na aquisição de conhecimentos científicos. Concordando com Saviani (1994), a escola é o local principal para difundir os conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo da história, assim sendo, a formação da classe trabalhadora necessita ser materializada com a presença, também, dos conteúdos clássicos.

Neste ínterim, ao falar sobre a Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire (2001, p. 27) concebe o homem como um ser inacabado, porém, é o único que tem ciência disso, os demais seres não têm consciência do seu inacabamento que está sempre em busca de ser mais, uma vez que o homem tem a consciência de sua inconclusão e mesmo os que estão na escola, perpassam por momentos do se refazer constantemente nas práxis. Conforme Freire (1996), a Alfabetização de Jovens e Adultos precisa ocorrer dentro do contexto cultural, considerando o aluno como sujeito construtor da aprendizagem, numa visão menos ideológica, sem se apoiar nas relações que o determina ou influencia.

O educando da Educação de Jovens e Adultos traz consigo diversos saberes que precisam ser escutados, estimulados para que o mesmo se sinta atuante, como membro do processo de ensino aprendizagem. Desse modo, é importante que sintam ouvidos, que possam sem medo ou vergonha expor seus conhecimentos, seus saberes e junto ao professor se tornarem parceiros no processo ensino e aprendizagem.

A Educação de Jovens e Adultos exige uma perspectiva diferenciada: uma educação que atenda também aos excluídos e marginalizados tanto do sistema educacional quanto da sociedade, pois se percebe ao longo da história que os sujeitos da EJA são os pobres, desempregados, negros, são jovens e adultos populares. Fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos e culturais (ARROYO, 2005, p. 23).

Os Jovens e Adultos necessitam de uma vivência digna, de uma educação de acordo com as especificidades do seu ciclo de formação. Trata-se do direito à emancipação humana e a garantia de processos educativos que vão além da escolarização e que levem em consideração a vivência desses sujeitos no trabalho, na cultura, os aprendizados que já possuem e as questões de raça e gênero. É nesse sentido que Arroyo (2005, p. 31) diz que a Educação de Jovens e Adultos sempre aparece vinculada a um outro projeto de sociedade, um projeto de inclusão do povo como sujeito de direitos. Sempre foi um dos campos da educação mais politizados.

A Educação de Jovens e Adultos tem como desafio instrumentalizar os trabalhadores para que eles possam estabelecer ligações entre o saber científico e sua relação com a luta de classes.

A LINGUAGEM E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS À LUZ DE LEV VYGOTSKY

No processo de desenvolvimento histórico da humanidade, a criação da escrita é um momento importante em que o registro da fala (signo sonoro) por meio dos signos visuais se impõe. Saviani (2020) destaca a importância desse momento histórico, pois permite a objetivação da linguagem em suportes materiais que podem ser transmitidos profusamente no espaço e no tempo. Estende-se aqui que todos os indivíduos e povos das mais diferentes regiões e lugares, passando de geração em geração tem suas formas de expressão. Esse marco histórico é tão importante que os historiadores o situam como demarcação diferenciadora entre tempos. É nesse viés que se percebe a importância da educação no desenvolvimento linguístico de grupos.

Abrantes e Bulhões (2020, p. 244) destacam que em consonância com os pressupostos que dão fundamento a Teoria Histórico-Cultural e os seus determinantes do conteúdo dos estágios da periodização do desenvolvimento, isso de maneira que vem compreendia

compreendida entre elementos cronológicos, biológicos e histórico-sociais. Todos condicionados às determinações não só histórico-sociais, mas econômicas e políticas.

Nesse contexto, se tratando de jovens e adultos, as explicações para os problemas educacionais supervalorizam as leis biológicas em detrimento da Teoria Histórico-Cultural. Abrantes e Bulhões (2020, p. 244) “acusam ainda mais seus limites, pois os determinantes de ordem histórico-sociais e culturais fundamentam o desenvolvimento da consciência do indivíduo”. Os aspectos biológicos existem, mas os mesmos estão subordinados ao contexto histórico e social, haja vista que os mesmos não são determinantes do conteúdo do desenvolvimento do jovem e do adulto.

Para compreender a categoria linguagem a partir dos estudos de estudos de Vygotsky (1996) torna-se necessário antes verificar que aos processos de linguagem e pensamento que segundo Martins (2013, p. 167) “é praticamente impossível o tratamento dessas funções” isso porquê, não podemos perder de vista as estreitas relações existentes entre elas. A respeito da linguagem na EJA, busca-se apresentar aqui suas características e relações que regem o seu desenvolvimento dos sujeitos alunos da EJA considerando o enfoque da teoria histórico-cultural.

Luria (1981, 269) afirma que a palavra é o meio de comunicação vocal e oral que utiliza a linguagem para, essencialmente transmitir informações. A fala tem como base a palavra, mas também a frase - que é a unidade básica de expressão narrativa onde ocorre uma combinação de palavras em consonância com as normas da língua.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a língua representa um sistema específico de comunicação através da linguagem. Petroviski, 1995, Apud Martins 2013, p. 167 “A linguagem é um sistema de signos que opera como meio de comunicação e intercâmbio entre os homens e também como instrumento da atividade intelectual”.

Vygotsky (1995) *apud* Martins (2013, p. 168), ressalta que:

[...] o desenvolvimento da linguagem representa, antes de tudo, a história da formação de uma das funções mais importantes do desenvolvimento cultural, na medida em que sintetiza a acumulo da experiência social da humanidade e os mais decisivos saltos qualitativos dos indivíduo, tanto do ponto de vista filogenético quanto do ontogenético [VYGOTSKI, 1995 *apud* MARTINS, 2013, p. 168]



Para os autores, a linguagem interfere no processo de desenvolvimento, criando novas formas de relações e associações. Pautando-se nos pressupostos de uma prática pedagógica histórico-cultural, os conhecimentos do cotidiano são ampliados com o conhecimento científico, que oferecem estruturas para o desenvolvimento dos conceitos espontâneos que o jovem e adultos possui em relação à consciência e ao seu uso deliberado.

Todavia, o pensamento crítico do jovem e adulto deve estar vinculado ao conhecimento científico, para que não ocorra o esvaziamento do conteúdo, e também a possibilidade de desenvolvimento cognitivo presente na aprendizagem escolar.

Nas palavras de Abrantes e Bulhões (2020, p. 246) “pela idade do indivíduo não podemos conhecer os conteúdos do desenvolvimento, seus limites e possibilidades, no entanto a idade pode nos possibilitar uma referência empírica inicial para a investigação da relação do sujeito com o mundo”. É nesse contexto que se insere o professor da EJA enquanto profissional da educação que através da mediação didática, consegue avanços na linguagem escrita e oral dos sujeitos que são eminentemente produtores de configurações cognitivas próprias. Mas, nem sempre são capazes de tomar público o conhecimento científico privativo de determinados grupos sociais.

O conhecimento escolar se constitui no embate com os diversos saberes sociais. A escola seleciona saberes, dentre os que são passíveis de serem selecionados a partir da cultura social mais ampla, e promove sua reorganização, sua reestruturação e sua recontextualização. É através desses processos que emergem configurações cognitivas tipicamente escolares, compondo uma cultura escolar *sui generis*, com marcas capazes de transcenderem os limites da escola (FORQUIN, 1993 *apud* LOPES, 1997). Autores que fazem o questionamento sobre o conhecimento prévio como base na cultura humana. Todo conhecimento é sempre uma seleção, ancorada em fatores político-econômicos, sociais, epistemológicos, éticos ou estéticos, organizados historicamente. O conhecimento escolar, construído a partir dessa seleção cultural, envolve assim diferentes saberes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nesse contexto, que a linguagem se expressa no conteúdo escolar da modalidade EJA. A linguagem, sendo um produto histórico, social e cultural, trás resultados em situações complexas, pois a partir dela o indivíduo desenvolve sua percepção como forma de relacionar com determinados objetos a sua dada classificação.



É a partir do desenvolvimento da linguagem, que são formados códigos lógicos, que formulam relações complexas entre entidades que permitem gerar pensamentos e opiniões. As mudanças ocorrem visivelmente para adultos analfabetos em fase de escolarização.

O estudo mostrou que a linguagem é constitutiva nas práticas da EJA, sendo importante o trabalho do professor enquanto mediador capaz de propiciar múltiplos aprendizados. A tarefa do jovem e adultos é aprender para atuar no mundo como sujeito consciente de uma práxis transformadoras. O conhecimento aprendido no processo de escolarização deve evidenciar que sua geração pode criar uma nova sociedade, reconhecendo o conhecimento sistematizado e a organização fundamental nesse processo.

Os jovens e adultos necessitam aprender a lutar pelo bem comum social, faz um destaque para os jovens em que são eles que têm força e tempo para empreender esse projeto de humanização distinto do projeto capitalista. Torna-se necessário agir no mundo e pensar com autonomia sobre a existência humana. A tarefa da EJA é proporcionar conhecimento para que jovens e adultos possam aprender que a luta pelo bem comum deve ser pensada em cada um, e a linguagem oral e escrita é uma porta aberta para este mundo.

O pensamento e a linguagem devem ser no campo da EJA trabalhados na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural para que possa concretizar as lutas no campo da educação.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Ângelo A.; BULHÕES, Larissa. Idade Adulta e o Desenvolvimento Psíquico na Sociedade de Classes: Juventude e Trabalho. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A.A.; FACCI, M. G. D. (Orgs), *Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas: Autores Associados, 2020. p. 241-265.

ALMEIDA, José Luis Vieira; ARNONI, Maria Eliza; OLIVEIRA, Edilson Moreira. *Mediação Dialética na Educação Escolar: teoria e prática*. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

ARROYO, Miguel G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA – Itinerários pelo direito a uma vida justa*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. *Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.



MARSIGLIA, Ana Carolina G. *A prática pedagógica histórico-crítica na educação infantil e ensino fundamental*. São Paulo: Autores Associados, 2011.

MARTINS, Lígia Martins. *O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultura e da pedagogia histórico-crítica*. São Paulo: Autores associados, 2013.

MÉSZÁROS, I. *Para além do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SANTOS, C. E. F. dos. *Relativismo e Escolanovismo na formação do educador: uma análise Histórico-Crítica da Licenciatura em Educação do Campo*. (Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal da Bahia – UFBA, Programa de Pós-graduação em Educação). Salvador – BA, 2011. Disponível em: www.cepehu.blogspot.com Acesso em: novembro de 2021.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, D. *Escola e Demcoracia*. Campinas: Autores Associados, 2006.

TAFFAREL, C. *Teoria Pedagógica marxista e Educação Escolar no Contexto da luta de classes contemporânea*. Irecê – BA: 2011. Acesso em novembro de 2021.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.